



Director literario:  
*Araciolinda Campa Tito*  
 PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

# O SECULO

Director artistico:  
*Eduardo Lalle*  
 PAPUSSE

## UM BANHO DE TINTA



Zé meudo mais a Guida,  
Combinam nova partida.



Vão despejar um tinteiro,  
Dentro d'água do chuveiro.



Tio João que nada troca,  
Pelas delicias da banhoca.



Ficou... pobre tio João,  
mais negro do que o carvão!

Tiolónio



Por HOMEM DE FIGUEIREDO

Desenhos de TIO TONIO



**E**XISTIA a alguns quilómetros da cidade, um moinho de brancas áas, que fornecia varias padarias ali estabelecidas.

Nesse moinho morava uma velhinha e sua neta Maria que, depois da morte dos pais, ajudava a avó a moer a farinha e a levava á cidade para a vender.

Mas, como eram perigosos os caminhos, por entre pinheiros, a velhinha lembrou-se,

para respeitarem mais a rapariga, de a vestir de rapaz. Como Maria era muito bonita, toda a gente se deslumbrava ao vê-la, até mesmo com seus trajos masculinos.

Todas as semanas, lá saía de madrugada Maria em direcção á cidade, com o seu burrinho carregado com a farinha que ela e sua avó moíam durante a semana. Para sua maior segurança, levava um grande cão Terra-Nova chamado «Fly». Pelo caminho, seguia com todo o cuidado, para que nenhum ladrão a assaltasse e lhe roubasse a farinha, pois ficariam sem o dinheiro para comprar os alimentos necessários. O «Fly» batia todos os pontos do caminho, para evitar á sua dona cair em alguma emboscada.

Foi, numa destas batidas, que um dia «Fly» viu dois homens escondidos atrás duns arbustos, á espera de Maria. Logo o cão se atirou sobre os ladrões, tendo-os maltratado muito.

Entretanto, Maria, que vinha mais atrás, vendo o perigo que corria, retirou-se com o burrinho para o lado da es-

trada e preparou-se, com um pau, que nunca deixava de trazer consigo, para o que dêsse e viesse.

Os ladrões, depois de muito lutarem, atordoaram o cão com uma cacetada, e, investindo com a rapariga, que fez todos os esforços para que não lhe roubassem a farinha, fizeram com que ela caísse no chão sem sentidos.

Já se preparavam para levar tudo, quando lhes apareceu, pela frente, o rei, que andava á caça, por aqueles sitios e ouvira a bulha da contenda. Ordenou aos seus soldados que prendessem os dois assassinos, e, por suas próprias mãos, foi levantar a rapariga.

O rei, quando viu a figura insinuante de Maria, disse para os seus conselheiros:

— Vou levar este lindo rapaz, para pagem de meus filhos!

Nisto, Maria, recuperou os sentidos. Ao vêr tanta gente de roda e os altos personagens da corte, ficou muito espantada. Então, o rei perguntou-lhe se queria ir para o palácio. Logo ela acedeu, mas pediu para ir buscar sua avózinha. Dito e feito: montaram-na num cavalo e ela lá foi a toda a brida.

Quando chegou ao moinho, explicou á avó o que tinha acontecido. A avó, entre chorosa e contente, pegou numa tesoura e cortou-lhe os cabelos, que ela trazia escondidos debaixo da carapuça, para que ninguém soubesse que era uma rapariga.

— Agora, ficas sabendo que de hoje em diante o teu nome é João, — disse-lhe a avó, quando lhe acabou de cortar os cabelos, os quais ficaram ás escadinhas.

Depois, arranjaram todas as trouxas e foram ter com o rei, que ainda por ali se entretinha a caçar.

Passados alguns dias, chegava a comitiva ao palácio real e logo correu célere a notícia de que o rei trazia um bonito rapaz, o que despertou grande interesse nos príncipes.

Rui, o príncipe mais novo, quando viu João, ficou muito amigo d'êlé e convidou-o para brincar.

Ao contrário, seu irmão Rómulo, mal o viu, ficou-lhe com tal inveja da formosura, que o maltratava constantemente, chamando-lhe farinheiro e outros nomes que ofendiam Maria. Mas, como esta era muito bondosa, nunca se revoltava e resignava-se, dizendo consigo que a felicidade nunca é completa neste mundo.

Quando João já tinha 20 anos, aconteceu que o cabeleireiro que lhe cortava o cabelo, adoeceu. De maneira que, o cabelo, começou-lhe a crescer muito, o que lhe dava um aspecto de rapariga. Um dia, o príncipe Rui, reparou no cabelo tão grande e analisou também as mãos e os pés, que eram muito pequenos. Desconfiou que João era rapariga. Foi ter com o rei e expôs-lhe as suas desconfianças, pedindo-lhe autorização para casar com João, caso este fosse rapariga. El-rei respondeu:

—Trata de averiguar, depois falaremos.

Então Rui foi ter com Maria e teve o seguinte dialogo com ela:

—Dize-me, João, tu és rapariga ou rapaz. A rapariga, muito atrapalhada, respondeu por entre dentes:

—Então, não vê, que me chamo João?

Ele, porém, que viu na atrapalhação de Maria a confirmação das suas dúvidas, retorquiu:

—Escusas de estar a negar. Não tens barba nem bigode e já não és nenhuma creança!

A rapariga, diante de tal argumento, confessou-lhe tudo, e, muito chorosa, pediu-lhe perdão de o querer enganar.

—Estás perdoada,—disse o príncipe,—porque estou na muito apaixonado por ti!

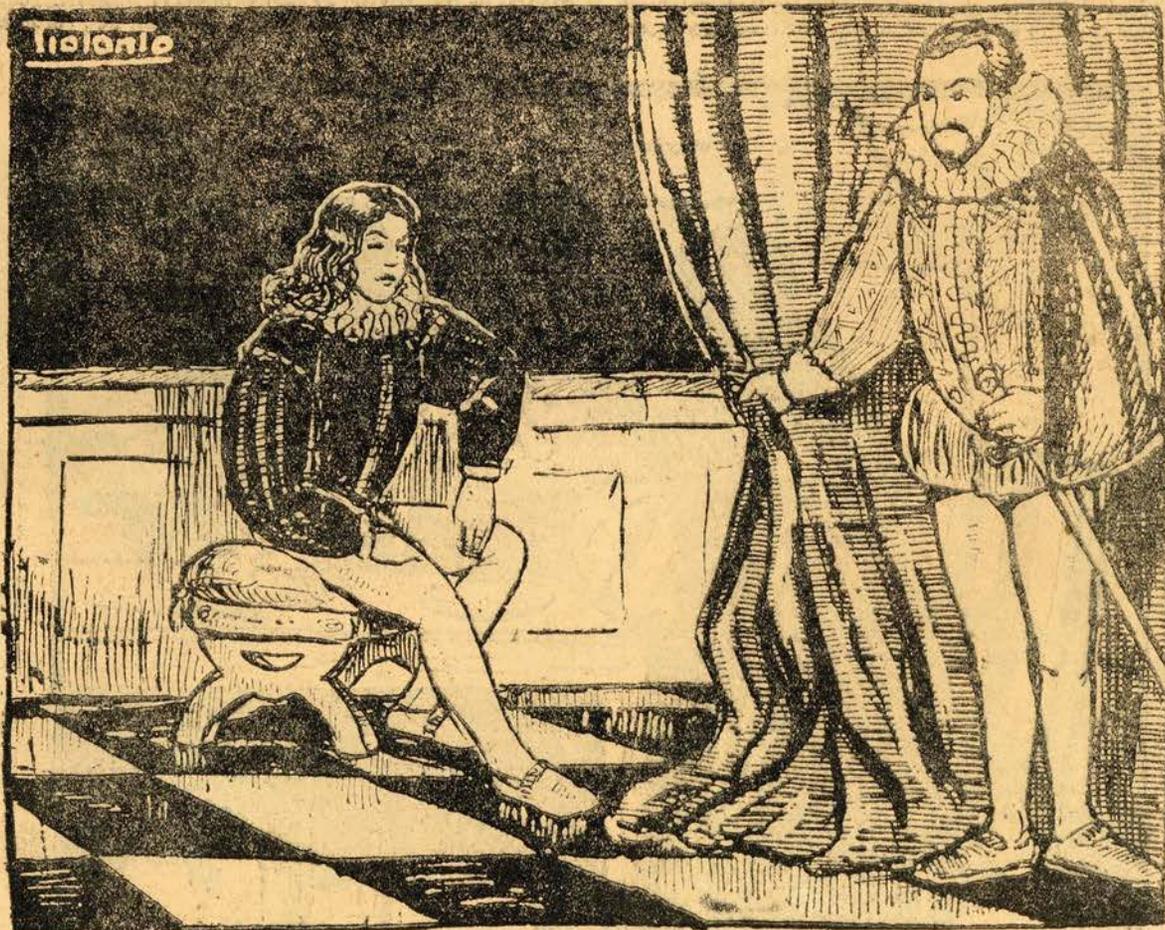
Maria, confusa e corada, respondeu-lhe que também gostava d'êlé. Muito contentes, foram ter com o rei, a quem Maria pediu perdão, que também desculpou a Maria a sua falta de franqueza, e, como prova, deu consentimento a seu filho, para casar com ela.

A avó, quando isto soube, teve tal alegria, que esteve sem fala uma porção de tempo. Felizmente ficou boa para assistir às grandes bodas do casamento, às quais assistiram muitos reis e grande número de personagens das côrtes estrangeiras.

Rómulo, que andava a fazer uma grande viagem pela America, quando soube isto, cheio de vergonha dos maus tratos que tinha dado a Maria, nem quiz assistir ao casamento, mandando uma carta a sua cunhada, pedindo desculpa das ofensas que lhe fizera e de não assistir ao casamento.

Maria e o príncipe viveram muitos anos, tiveram muitos meninos e foram muito felizes!

# F I M





## MANGERONA A ENGEITADA

Por LUCILA DA SILVA ROSA  
Desenhos de Eduardo Malta

A

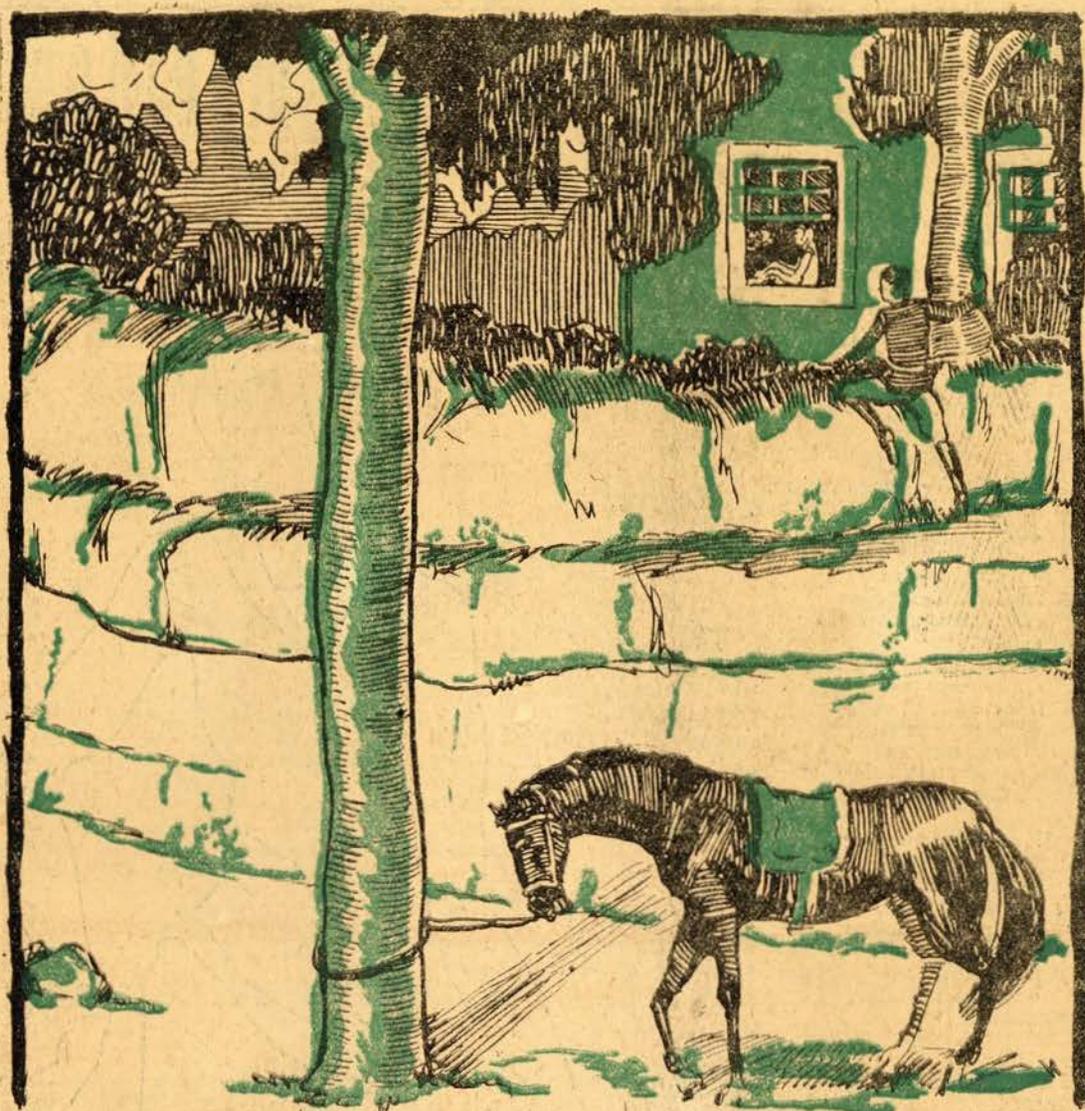
QUELE dia amanhecera bastante enevoado. Contudo, pouco a pouco, o sol foi espreitando por entre as nuvens e em breve toda a aldeia foi acariciada pelo seu manto quente e dourado.

Ao levantarem-se, os caseiros da quinta de S. José depararam com um embrulho bastante volumoso sobre um canteiro de Mangerona. Mal refeitos ainda do sus-

to que tiveram, entraram em casa e mais surpreendidos ficaram quando, ao desfazerem o embrulho, nêle encontraram uma criança de uns três meses, uma linda pequenita rechonchuda e rosadinha.

Não tinham filhos os simpáticos caseiros. Casados havia dez anos nunca o chilrear de uma criança viêra perturbar o silêncio da bonita vivenda de Henriqueta e Joaquim. Todavia, quantas vezes o não tinham desejado! Foi, portanto,





com a maior alegria que a boa Henriqueta disse ao marido: — «e se adoptassemos esta menina?! Já que Deus não quiz nunca dar-nos tão grande alegria, porque não havemos de repartir com este pequenino ente toda a nossa ternura e amizade?»

Depois de cumpridas todas as formalidades, adoptaram e batisaram a criança, a quem deram o nome de Mangerona, como recordação do perfumado canteiro que lhe servira de primeiro berço na quinta de S. José.

E foi crescendo, crescendo, a pequenina engeitada.

Era um encanto vê-la, a gentil Mangerona, sempre a correr pelo jardim, atrás das linda borboletas, sempre saltitando, como um passarinho que acaba de sair do ninho!

Muito caprichosos, os bons caseiros que, á força de economias, conseguiram arranjar um bom pecúlio, fizeram educar primorosamente a sua filha adoptiva.

Uma perceptora, chegada havia pouco do estrangeiro, ensinou a Mangerona tudo o que uma menina da melhor sociedade sabe dizer e fazer.

Agora, o pequeno jardim da linda casinha era como que a sua salinha de estar. Aí lia, bordava e estudava.

Era um verdadeiro amor, a formosa Mangerona.

Loura, não muito alta, era delgada e elegante, como a perfumada planta que lhe dera o nome.

Ora aconteceu que um dia, o príncipe herdeiro, andando

a passear por aquêles sitios, foi atraído por uma voz maviosissima, que um belo piano acompanhava. Apeou-se do cavalo, galgou uma sêbe e aproximou-se da vivenda. Uma janela aberta oferecera ao príncipe uma quadro encantador: Mangerona sentada ao piano, e rodeada pelas mais mimosas flores, cantava, acompanhando-se a si própria, a sua predilecta canção de amor. Um raio de sol, coando-se por entre as flores, vinha acariciar-lhe os belos cabelos dourados.

Ficou enlevado o príncipe. Quanto tempo estaria contemplando a gentil Mangerona? Não saberia dizer. O que elle sabia e muito bem, é que não mais a poderia esquecer.

Afastou-se já ao anoutecer sem que Mangerona suspeitasse a sua presença. Nunca mais o príncipe deixou, sempre que podia, de vir admirar a bem amada.

Até que um dia ella, voltando-se repentinamente, viu-o, litou-o surpreendidissima e fugiu.

Não tornou mais a ouvir-se o piano nem a sua voz suavissima. Entristecia dia a dia a formosa Mangerona!

O príncipe já não se atrevia a escalar a sêbe, temendo vê-la aparecer nalguma ruasita da quinta.

Há grandes atlições no palácio real. O príncipe guarda o leito há 8 dias. Ninguém lhe descobre a doença e elle, encerrado no mais completo mutismo, não responde ás perguntas que lhe fazem. De noute, porém, sonha alto e todos se

**(Vêr a continuação na página 8)**

# As primeiras calças compridas

POR

OLAVO DE EÇA LEAL

Ilustrações do autor

**A**s calças primeiras,  
compridas, de truz,  
que puz,  
fiz tantas maneiras

e tanta denguice  
na frente do espelho,  
que o mano mais velho  
me disse:

— que grande pateta  
que tu me saíste!  
Onde é que tu viste  
um homem já feito,  
fazer passatempo  
de estar tanto tempo  
na frente de espelhos?

E eu disse, pimpão:  
Eu sou marinheiro,  
não sou seu irmão!  
Prefiro dinheiro,  
não quero conselhos...

E para irritar  
o mano mais velho,

tornei novamente  
a mirar  
no espelho  
as calças compridas,  
compriiiiiidas,  
do fato à maruja  
que a tia Tutuja  
me deu de presente,

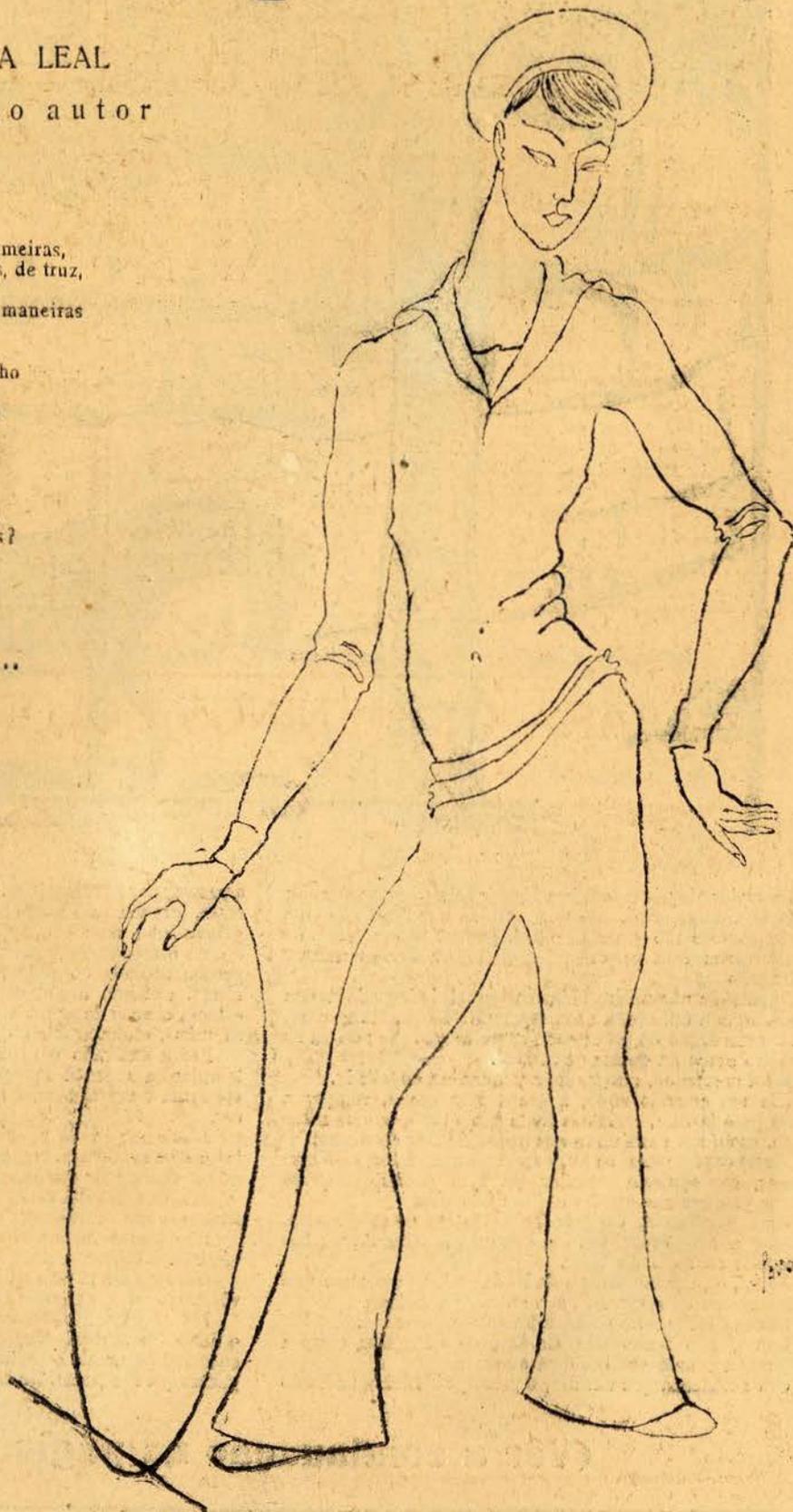
Mas eis que o papá  
me veio dizer:

— Olá!  
que estás a fazer,  
meu fedelho?!  
— Denguices ao espelho  
só fazem meninas.  
Se tu continuas  
fazendo, nas ruas,  
maneiras tão finas,  
decerto que ficas  
maricas!

— MARICAS?!

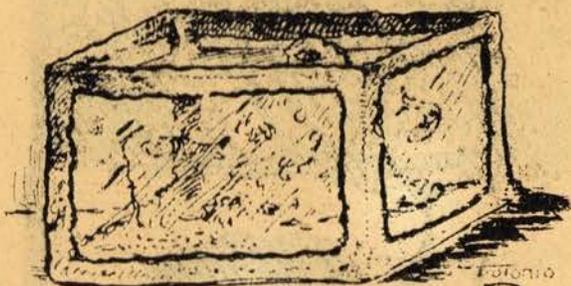
Eu não conhecia  
palavra tão feia  
mas dela fazia  
contudo uma ideia:  
maricas?!... fedelho?!...  
volvi novamente;

.....  
E vai, num repente,  
dei cabo do espelho.



# HORA DO RECREIO

## UM AQUARIO



Ligam-se os vidros entre si, por uma massa constituída por alcatrão e pez-louro (*partes eguais*) e as chapas aos caixilhos pelo mesmo processo.

Para completar, dá-se uma demão da massa diluída e quente nos caixilhos de madeira e colam-se pedrinhas ou vidros de côr, de maneira a formar como que um mosaico.

Dentro, coloca-se uma pedra bastante furada, com plantas aquáticas.

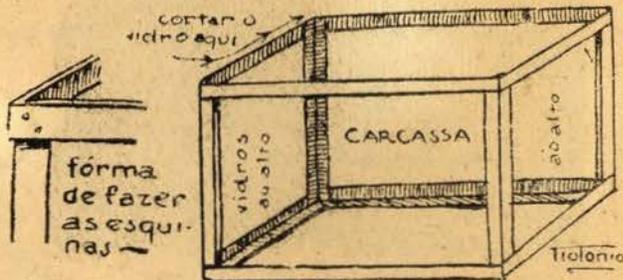
Escusado será dizer que se metem também peixes...

Com velhas chapas fotograficas, poderão os meus caros sobrinhos, fazer um esplendido aquario.

Primeiramente, faz-se uma carcassa de madeira fina, que se prega com cuidado, tendo o comprimento e a largura das chapas empregadas.

Para cortar o vidro faz-se um risco com uma lima e, dobrando-o, este quebra-se por esse sitio.

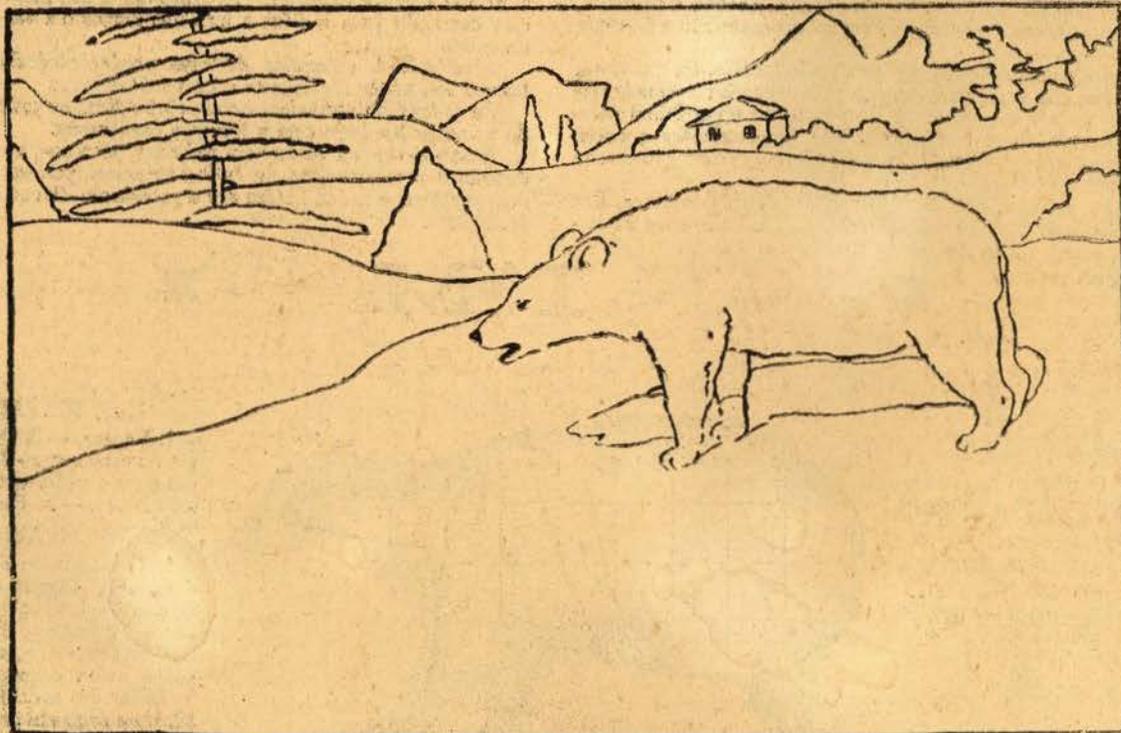
Quanto maiores, melhor, mas as mais interessantes para o effeito são as chapas 13 18.



Rua do Século, 43 — LISBOA

TIOTONIO

## PARA OS MENINOS COLORIREM





### «Mangerona a Engeitada»

(Continuado da página 5)

admiram, ao ouvir-lhe estas palavras: um jardim, uma janela aberta, vê-se uma menina tocando e cantando, fugiu assustada e não a tornei a vêr. Uma manhã a rainha interrogou-o acerca do sonho. E'ê, erguendo-se sobressaltado do leito, pôs as mãos e suplicou à Mãe que o levasse junto da tal menina se o queria vêr curado. Acedeu a rainha e, levando-o numa pequena carruagem, acompanhou-o á quinta de S. José.

Mangerona, sentada no seu lindo jardim, lia um livro. Todavía era bem visível a sua preocupação: — constantemente erguia os olhos do livro e o seu olhar febril prescrutava ao longe: fundos suspiros lhe abalavam o peito. Também ela conservava uma indefinível recordação do seu simpático admirador.

Não sabiam que fazer-lhe os seus pais adoptivos. Era em vão que procuravam distraí-la. Passava os dias no jar-

dim, esperando a todo o momento vêr aparecer o belo rapaz.

Mário, (assim se chamava o príncipe) aproximou-se do jardim com a rainha, sem que a pequena os pressentisse. Mas num movimento brusco ela volta-se, soltando um grito e cai-lhe nos braços, chorando convulsivamente. Aflitíssima a rainha corre a bater à porta. Abre-lha a boa Henriqueta que correndo para a filha a leva nos braços e a vai meter na cama.

Ajoelhado à cabeceira do leito, o príncipe declara-lhe todo o seu amor. Mangerona escuta enlevada...

Passados dias, anunciava-se no reino o próximo casamento do príncipe herdeiro com a formosa Mangerona.

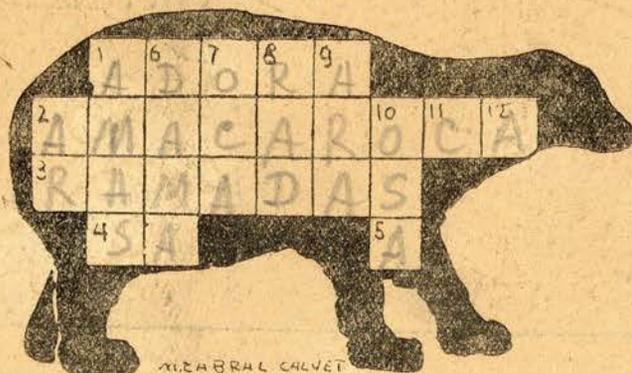
Casar-ê-hão na primavera próxima, para que as flôres, delicadas companheiras da futura princeza, possam com o seu perfume e a sua belêza ser o pronúncio da sua eterna felicidade.

## F I M

### Jardim Zoologico

do

«Pim - Pam - Pum!»



ALABRAL CALVET  
MACALHÃES

#### HORIZONTAIS

1, Venera. — 2, Dar fórma de maçooca. — 3, Abrigos para o gado. — 4, Apeido nobre. — 5, Pronome.

#### VERTICAIS

1, Governantas dos pa-dres. — 2, Ataque de pa-ralisia. — 6, Mulher no-bre. — 7, Espécie de jógo. 8, Uma consoante, uma vo-gal e outra consoante. — 9, Lugar dos sacrificios. — 10, Uma consoante no meio de duas vogais. — 11, Nú-mero romano. — 12, Abre-viatura de autor.

PALAVRAS  
CRUZADAS